

“A cirurgia estética quando corre mal pode ser devastadora”

Em prol da defesa da especialidade, Luís Azevedo aborda a importância e a necessidade de todos os procedimentos cirúrgicos reconstrutivos e estéticos serem executados por cirurgiões plásticos, os verdadeiros detentores de uma vasta formação especializada e de uma filosofia única de saber perante uma cirurgia de remodelação.



Luís Azevedo, especialista em cirurgia plástica, reconstrutiva e estética, esteve à conversa com o Perspetivas com o intuito de retratar o estado atual da especialidade, nomeadamente a luta pela integridade e exclusividade das funções. Ao longo da sua formação desenvolveu aptidões na área da cirurgia reconstrutiva e da cirurgia estética, ambas faces da mesma moeda e que não se devem dissociar.

Não é possível encarar com eficácia e confiança a resolução do defeito estético sem dominar conhecimentos sólidos e prática nos procedimentos da cirurgia reconstrutiva. Na voz de Luís Azevedo, escutámos os argumentos de uma luta desigual que a especialidade e os seus profissionais são obrigados a travar para se defenderem, e defenderem os pacientes que acabam por sofrer as consequências das «mãos erradas». “O cirurgião plástico está preparado, pela sua formação, para fazer qualquer intervenção plástica nas diversas partes do corpo, com inúmeros instrumentos e ferramentas, que vai aplicando às circunstâncias em particular. A

nossa forma de pensar é diferente e só quem domina a cirurgia reconstrutiva é que pode estar totalmente apto para fazer cirurgia estética”, assevera.

Não obstante, a realidade não traduz a teoria. São inúmeras as histórias de clínicas que proliferam pelo país realizando vários procedimentos cirúrgicos estéticos sem a mínima formação. A atração pelo mercado é irresistível e o controlo é praticamente nulo abrindo caminho a que cirurgias estéticas sejam realizadas por profissionais não qualificados. “São inúmeros os riscos que um paciente incorre ao sujeitar-se a procedimentos nestes espaços, pois uma cirurgia estética quando corre mal pode ser devastadora”, assume o cirurgião plástico do Hospital de Braga.

Afirmar que o preço neste tipo de clínicas é inferior é uma falácia, segundo Luís Azevedo, que considera que as pessoas “não estão devidamente informadas e são inundadas com uma publicidade agressiva, o que resulta, mais tarde, em casos dramáticos. O que poderia ser um simples procedimento cirúrgico estético torna-se, muitas vezes, um caso complexo e prolongado para cirurgia reconstrutiva”.

O facto de muitas das técnicas serem aparentemente simples e intuitivas para um cirurgião, seja ele de que especialidade for, dá a ideia errada de que qualquer um a pode fazer. No entanto, a falta de conhecimentos aprofundados sobre a cirurgia plástica e os seus procedimentos faz com que, em caso de complicação ou de algo que fuja ao modelo standard, não saibam o que fazer nem como proceder. “Só quem está dentro deste mundo é que controla a globalidade dos casos. Quando corre bem, estamos todos bem, mas

quando corre mal só nós, cirurgiões plásticos, temos as ferramentas e o conhecimentos para dar a volta à situação. É por isso que as pessoas merecem ter à sua frente alguém credível e capacitado para as orientar, que saiba dizer que não quando é necessário, e que tenha capacidade de lidar com as complicações e os riscos”, reitera Luís Azevedo.

O que fazer para contornar e regular o atual contexto? Para Luís Azevedo, as duas vias para combater estas questões passam por informar positivamente a população de quem são os especialistas habilitados – papel que deverá passar pela Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica, Reconstrutiva e Estética – e formar mais cirurgiões plásticos para dar uma resposta ajustada e adequada às solicitações. Além disso, a definição do ato médico surge também como uma solução que possibilitaria a adequada regulamentação dos atos cirúrgicos. A não definição do ato médico permite que cirurgiões de outras especialidades, sem qualquer formação, façam cirurgia plástica, pois tudo está em aberto e todos podem fazer tudo. “É importante definir o ato médico não só na nossa especialidade, mas como nas várias áreas da medicina. O princípio que diz: deve fazer quem sabe, não chega! O profissional que queira abranger outras áreas ou proceder a determinadas técnicas, fora da sua formação base, deveria fazer uma formação específica, submeter-se a validação dessa competência perante a Ordem dos Médicos e só a partir daí executar essas funções”, explica, dando o exemplo: um oftalmologista que queira também fazer cirurgia estética ocular só a deveria fazer depois de ter a adequada e global formação. Ter conhecimentos de cirurgia plástica ocular é muito diferente de ser cirurgião plástico ocular; assim como ter conhecimentos de ecografia não significa que a saiba fazer ou interpretar.

Envolta de todas estas questões de desregulamento, a especialidade de Cirurgia

Plástica, Reconstrutiva e Estética consente ainda o estigma da futilidade que parte do próprio sistema em que se insere. “Uma mesma proposta cirúrgica a uma companhia de seguros feita por um cirurgião plástico ou por um colega de outra especialidade desperta reações diferentes. O paciente acaba, assim, muitas vezes empurrado para especialidades menos habilitadas porque há um estigma de que tudo o que fazemos é rotulado de cirurgia estética, como se verifica em situações como excesso de pele nos olhos ou lesões no nariz”, revela Luís Azevedo.

De uma forma muito clara, o cirurgião plástico enfatiza a importância dos seis anos de formação base que dota o especialista de uma sabedoria sobre a cirurgia da pele que só o treino intensivo proporciona. Uma filosofia de plasticidade aplicada à cirurgia de remodelação, seja ela num contexto reconstrutivo ou num contexto estético.

“O que define se uma operação é estética não é o ato em si, mas o que está por detrás do paciente. A mesma técnica de aumento mamário pode numa mulher ser um ato de cirurgia reconstrutiva, e noutra ser um ato de cirurgia estética. O que define é o contexto em que o procedimento é realizado”, expõe, defendendo a sua causa em prol da especialidade que seguiu por paixão.

Director do Serviço de Cirurgia Plástica, Reconstrutiva e Estética do Hospital de Braga

Cirurgião Plástico do Hospital da Luz – Arrábida e Hospital da Luz-Guimarães



<http://luis-azevedo.pt>
info@luis-azevedo.pt